

# A princesa e o Pirlampo

Por: kiko

# A verdadeira história da Princesa dos olhos rasgados e do Pirilampo Mágico

Esta história começa como todas as outras...

Era uma vez uma princesa que morava num castelo. Era a princesa mais bonita de todo o reino. Mas nem sempre foi assim.

Quando nasceu a princesinha tinha os cabelinhos em pé e uns olhinhos de chinesinha. Nessa altura, o rei, quando regressava ao castelo depois de longas caçadas pela floresta, gracejava e perguntava à rainha pelo pequeno jacarezinho.

A Princesinha portava-se muito bem. Só comia e dormia e por isso era muito gordinha e bochechuda. Mas o bebé foi crescendo e tornou-se numa princesinha muito bonita. Era a bonita de todas as suas irmãs. Era a princesa mais bonita de todo o reino.

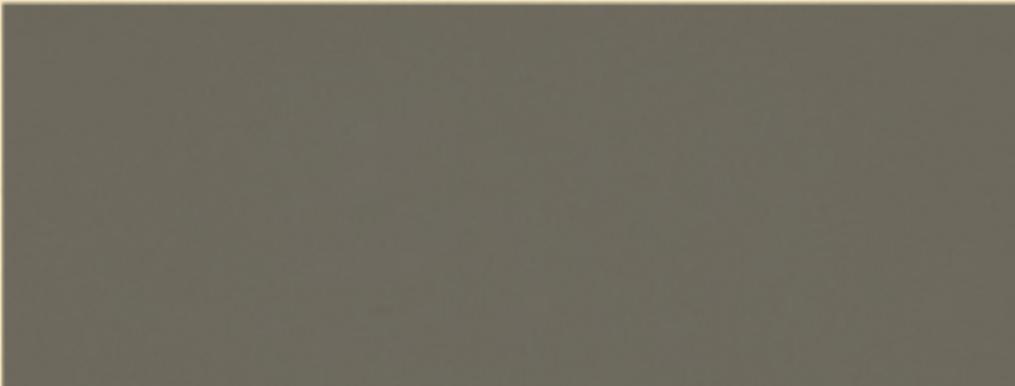
No verão, quando ficava moreninha de andar a brincar ao sol pelos campos, a sua avó chamava-a de carochinha pretinha. Isto porque nessa altura, os seus lindos olhos rasgados, castanho cor-de-amêndoa, ganhavam ainda mais vida e brilho. Era por isso que lhe chamavam de princesinha dos olhos rasgados.



A pequena princesa, era também a mais bem comportada de todas as irmãs. Adorava andar na escola e era a melhor aluna de todas. Gostava tanto da escola que quando voltava ao castelo, ia logo fazer todas as cópias e contas que a professora pedira. E fazia sempre mais. Fazia também desenhos e composições. E adorava brincar com os seus irmãos mais novos. Brincavam às escolas, em que ela fazia de professora e lhes ensinava coisas sobre o reino e obrigava-os a fazer contas e ditados.

A princesinha foi crescendo e rapidamente se tornou numa jovem princesa, com muitos pretendentes.

Aos 19 anos, a princesa já era disputada por muitos pretendentes e o Rei, como se fazia naquela altura, já tinha ordenado o seu casamento com um dos cavaleiros mais fortes do reino. A princesa obedeceu ao seu pai, mas o seu coração não era feliz e passava os dias triste e amargurada. Um dia, numa tarde amena do início de outono, a princesa conheceu um pirilampo. Era um pirilampo, de olhos pretos, mas que, ao contrário de todos os outros não conseguia fazer com que as suas antenas brilhassem no escuro



da noite. Por isso o pirilampo era diferente de todos os outros e passava os dias triste e sozinho.

Um dia a princesa ganhou coragem e foi falar com o pequeno pirilampo. Este, a princípio, por medo que a princesa fosse rir dele, não lhe ligou muito. Mas a princesa, que era muito decidida, voltou a ir falar com o pirilampo. E assim se tornaram amigos e companhia um do outro.

Os dias de outono foram passando. O inverno aproximava-se, e os dias começaram a ficar mais curtos. O sol ameno deu lugar ao frio vindo do Norte. Os dois passavam longas horas a conversar. A princesa, contava-lhe como era infeliz, porque ao contrário das outras princesas que passavam os dias a aprender a ser rainhas, ela gostava era de andar pelo reino a ajudar os mais pobres e desprotegidos. A princesa era altruísta e tinha tão bom coração, que nas aldeias à volta do Castelo todos conheciam a princesa dos olhos rasgados, porque muitas vezes deixava de comer a merenda que a sua mãe lhe mandava, para a distribuir pelos pobres e mendigos.



Contava-lhe também, que o Rei tinha-lhe ordenado que casasse com o cavaleiro mais forte do reino e que ela lhe tinha obedecido, para não deixar o rei triste, mas que por esse motivo era ela que vivia infeliz. Certo dia a princesa, perguntou ao pirilampo, porque é que ele não brilhava no escuro. Os olhinhos pretos do pequeno pirilampo ficaram ainda mais tristes e ele respondeu que não sabia. Ao contrário de todos os outros pirilambos do reino, ele não conseguia brilhar no escuro. A princesa percebeu que o pirilampo ficara triste com a sua pergunta e ao final da tarde, quando voltou ao castelo, sentia o seu coração ainda mais apertado.

Nessa noite, quando recolheu aos seus aposentos nas ameias do castelo, em vez de sonhar com um príncipe ou um cavaleiro do reino, foi no pequeno pirilampo de olhos pretos que ela pensou antes de adormecer. O tempo foi passando e a princesa e o pirilampo passavam cada vez mais tempo juntos. Ele contava-lhe muitas histórias de outras terras que tinha conhecido. Falava-lhe de um local longínquo que tinha uma serra encantada, onde viviam monges e eremitas.



Habitavam o monte da lua como era conhecido, e por ali andavam em peregrinação.

Falou-lhe também de uma praia que ficava para lá dessa serra encantada. Uma praia tão grande, tão grande que nos dias em que o sol não brilhava, quase não se conseguia ver o seu fim.

E foi num dia frio e cinzento que o pirilampo a levou a ver a tal serra encantada e a praia mágica. Quando chegaram à serra, começou a chover. Mas eles continuaram a caminhar por entre árvores e palácios muito antigos, seguindo por um caminho estreito que serpenteava ao longo da serra. No final desse caminho, depois de um extenso pinhal, do cimo de uma colina, avistaram finalmente a praia mágica. A praia era ainda maior do que a princesa imaginara. Ela já tinha estado numa praia, nas dos muitos rio que atravessavam o seu reino. Mas nunca tinha visto uma praia tão grande como aquela. Conhecia bem o campo, os montes e vales, pois passara muitos dias a acompanhar o rei nas suas caçadas e passeios. Conhecia todos os animais da floresta, todas as árvores, todas as flores e frutas.



Costumava apanhar amoras silvestre e conhecia todos os tipos de cogumelos, subia às árvores para apanhar fruta e comia azedas para enganar a sede. Mas ela nunca tinha visto uma praia assim. O Pirilampo tinha razão. A praia era tão grande que nesse dia cinzento e frio, não se conseguia ver o fim. Só quando se ia caminhando ao longo da praia é que se começava a avistar o penhasco onde por fim ela terminava.

Nessa tarde a praia estava deserta. Apesar do frio e da chuva a princesa insistiu em ir ver o mar. O pirilampo avisou-a para ter cuidado com as ondas, porque durante o inverno o mar era muito revoltoso e perigoso, mas a princesa andava tão entretida a brincar em cima das rochas que nem reparou numa onda mais forte que acabou por lhe molhar os pés. Passado o susto, os dois começaram a rir às gargalhadas, que ecoavam por toda a praia. Mas rapidamente a princesa começou a ficar com frio por ter os pés molhados e chegou-se mais perto do pirilampo, dando-lhe um abraço. Os dois ficaram ali, de pé, abraçados, num momento que pareceu uma eternidade.



E de repente, como por magia, estavam tão perto um do outro que conseguiam sentir o bater dos seus corações. Nesse dia a princesa pegou na mão do pirilampo, perguntou-lhe se ele conseguia brilhar durante o dia, porque é que não conseguia manter esse brilho à noite.

O Pirilampo abriu os seus pequenos olhos pretos de espanto e ficou surpreso, porque na verdade ele não sabia que conseguia brilhar durante o dia. Ele não sabia que tinha um brilho especial que só a princesa conseguia ver. Mais ninguém, até esse dia o tinha conseguido ver. E ficou radiante. Afinal o pirilampo conseguia brilhar. Era um brilho tão intenso que até se conseguia ver durante o dia e que ele não sabia que tinha. Foi a partir desse momento que a princesa disse que aquele brilho era uma espécie de magia e que passou a chamar-lhe pirilampo mágico. A partir desse dia o pirilampo nunca deixou de brilhar. Noite e dia. E viveram felizes para sempre...até um dia...muitos, muitos anos mais tarde.



Nesse dia, a princesa acordou e não viu o Pirlampo. Estava ainda escuro no quarto e chamou por ele. Do escuro o pirlampo respondeu, mas a princesa não o conseguia ver. O Pirlampo não estava a brilhar como de costume. A princesa ficou sobressaltada. Acendeu a luz e viu o Pirlampo ao seu lado, mas reparou que ele deixara de brilhar. Aquele brilho mágico que só a princesa conseguia ver tinha desaparecido. Talvez esse brilho mágico nunca tivesse existido e tenha sido só ela a vê-lo. Percebeu então que esse era o brilho da paixão. Percebeu que apesar de ainda gostar muito do seu pirlampo mágico, já não era o mesmo gostar de antes. Já não era como naquela tarde fria de Inverno à beira-mar, onde o beijou pela primeira vez.

A princesa ficou muito triste, durante muitos dias, até que finalmente, um dia, ganhou coragem e contou ao Pirlampo. Disse-lhe que já não era feliz. Principalmente porque já não podia fazer o seu pirlampo feliz.



O Pirilampo ficou tão triste, tão triste que jurou nunca mais voltar a brilhar.

A partir desse dia, a luz do pirilampo nunca mais se acendeu nem brilhou no escuro. Apagou-se para sempre. A princesa voltou para o seu castelo, onde vive até hoje.

Os dias foram passando. Há quem diga que o pirilampo ainda brilha, mas escondeu-se na serra encantada onde vive junto dos monges e dos eremitas. Dizem que já foi visto pela princesa, mas que tal não passa de uma ilusão sua, que nas noites frias de inverno, confunde o piscar de uma estrela com o brilho do pirilampo.

Mas há quem acredite que aquela luz que pisca na praia mágica, nas tardes frias e cinzentas, é do Pirilampo, para dizer à sua princesa dos olhos rasgados, lá no alto do seu castelo, que ele vai ficar por ali, eternamente à sua espera e para que ela saiba sempre onde o encontrar.